

## A CRISE DE TRABALHO só tem merecido o des-prêso dos governos e da Câmara Municipal

A crise de trabalho acentua-se numa forma assustadora. As medidas governamentais longe de atenuar o terrível flagelo ainda o exacerbam. Dissemos isto ontem e repetimo-lo hoje.

E todavia de Norte a Sul do país, num clamor intenso, o proletariado grita a sua desdita sem que a sua voz seja ouvida, sem que a sua fome faça condoer os corações empedernidos dos causadores de tanta miséria.

Dos políticos de qualquer das nuances ainda o proletariado não viu uma única referência à sua situação no sentido de a melhorar.

Dos governos, de qualquer dos matizes, não encontrou a falange proletária uma medida inteligente que fôsse de encontro ao seu sofrimento. Do parlamento não viu ainda a classe operária uma deliberação que puzesse cõbro ao seu desespero.

E no entanto, na quadra de eleições que atravessamos, não faltam políticos que prometem soluções para a crise de trabalho, como se já não tivesse sido posto à prova o seu interesse e a sua competência.

Há cerca dum ano nas colunas desta folha foi aberto um inquérito à indústria, no ponto de vista de crise de trabalho. Dos mais reconditos logarejos vieram alvitre, propostas que muito atenuariam a crise de trabalho. Lembrou-se que podiam ser concluídos alguns edifícios de utilidade pública de há muito paralisados; indicou-se a conveniência de serem reparadas algumas estradas e abertas outras; defendeu-se a construção de cháfazes, mictórios, etc., e sugeriram-se outras medidas que seria ocioso enumerar.

Num país onde a sorte dos sem trabalho merecesse algum cuidado, o estudo que publicamos seria devidamente observado aproveitando-se dele alguma coisa. Em Portugal não. O parlamento, o governo, a câmara municipal, na pessoa dos seus representantes, se leram o nosso trabalho não foi pelo interesse que ele lhes merecesse. Leram-no como lêem o diário mundano nas gazetas ou como olham os astros quando bocejam—por entretenimento ou por tédio.

E é tão verdadeiro o que afirmamos quanto é certo não termos notado a atenção do parlamento, o interesse do governo ou o cuidado da câmara. Do parlamento nem uma única palavra; do governo, promessas e mais promessas; Da câmara municipal uma medida, mas uma medida que ainda mais agravou a crise. Já a ela nos referimos.

Não é demais, no entanto, que nova alusão lhe façamos. Trata-se da proposta que altera de 6 para 8 anos as limpezas das propriedades urbanas. Antes do nosso inquérito, por uma postura camarária os proprietários eram obrigados a fazer as necessárias limpezas nos prédios de 6 em 6 anos. Quando expirava esse prazo já as propriedades careciam de grandes limpezas. Com a alteração, além de alargar esse estado contragredor de conservação das propriedades, ainda motivava que alguns braços não consigam emprego. E aqui tem o proletariado o interesse que a sua situação vem merecendo aos homens da administração pública.

Como a crise de trabalho assumiu nos últimos tempos particular gravidade, o proletariado se não quer sosberrar perante os seus efeitos só tem um único recurso: Desenvolver dentro dos seus organismos de classe uma intensa propaganda que de algum modo obrigue os causadores deste estado de coisas a arrepiar caminho. E se tal não realizar não conte que a solução do problema lhe apareça como por encanto. Os factos assim nos nesinam e eles falam eloquentemente.

## Terminou a greve dos empregados bancários franceses

PARIS, 11.—Os empregados bancários resolveram retomar os seus cargos.

## Êde o Suplemento de A BATALHA

## NO PARAISO BURGUEZ AS VIOLENCIAS dos franceses na Siria

O mandato francês na Siria e no Líbano, consiste—segundo eles dizem—em conceder aos Sirios e aos Libaneses uma capacidade política que os permita de se governar a si próprios. O general Sarraill, por outro lado ao chegar a Beyrouth, tinha pretendido ser um árbitro imparcial nos conflitos sociais, políticos e religiosos.

Afinal ele apenas seguiu o exemplo dos seus predecessores Gouraud e Weygand que foram, como ele, os mandatários dos industriais do petróleo, os Servidores da Sociedade Geral de Paris, do Banco Francês da Siria etc, etc.

Se a Inglaterra na Palestina e na Transjordânia, sob o ponto de vista imperialista se conserva nestas regiões por várias causas: Guarda do Canal de Suez, guarda do caminho das Índias, «protektorado» do Egipto, política dos petróleos, etc., em compensação a França apenas faz na Siria e no Líbano a política dos industriais e da igreja católica.

Sob o ponto de vista religioso, o general Sarraill apenas é na Siria o servidor zeloso dos missionários da igreja católica.

Sob o ponto de vista político as últimas eleições para um vago conselho representativo em julho do ano passado, foram um indecoroso mercado publico, em que o sistema adoptado foi o de «quem dá mais». Os actuais eleitos do conselho representativo são os homens que puderam comprar maior número de votos, os quais foram avaliados em 3 ou 4 libras sírias cada.

Sob o ponto de vista social, o general Sarraill deu provas da sua parcialidade, pondo as suas metralhadoras e os seus esquadrões de «spahis» ao serviço dos grandes proprietários contra os pequenos locatários.

No dia 20 de Julho p. p. o general Sarraill mandou metralhar uma manifestação de inquilinos na praça do Grande Canhão em Beyrouth. Foram assassinados uma dúzia de manifestantes e houve um grande número de feridos, sem falar nas prisões efectuadas.

Agora nada poderá acalmar a população de Beyrouth. As notícias que chegam quotidianamente do Djebl Druse, as atrocidades cometidas pelos franceses, a destruição sistemática das colheitas, o bombardeamento das aldeias árabes pelos aeroplanos militares, tudo isto torna permanente a agitação e revolta unanimemente as populações contra a barbarie francesa.

## Notas & Comentários

### Define-se um carácter

Sem mais comentários transcrevemos o seguinte «suelto» do Mundo:

«O dr. sr. Barbosa Viana foi há poucos dias procurado por um grupo de pobres mulheres—família dos deportados.

Negou-se a recebê-las e, não contente com isto, ordenou que as corremessem os corredores do ministério, gritando não receber mulheres de bandidos. Não comentamos. Só nos limitamos a perguntar ao ex-director da P. S. E., que tão cedo conseguiu um chorudo lugar na República, que culpas cabem às esposas, irmãos, mães e filhinhos dos deportados das faltas que eles possam, porventura, ter cometido?»

### Pais de liberdades

Numa das últimas audiências do julgamento do 18 de Abril, falou a chamada um dos presos. Chamaram várias vezes pelo nome de sua excelência e ninguém respondeu. Alguém perguntou se o rei não estava preso—ninguém respondeu tampouco. O sr. rei tinha faltado e nem sequer enviou parte de doente. Vivemos ou não num país de liberdades? Os deportados que o digam...

### A muralha

A Federação Portuguesa do «Box» chamou a atenção do presidente do ministério para o facto de, no Porto, se estarem realizando combates de «box» entre homens e mulheres. Achemos bem a reclamação, apesar de sabermos que a referida Federação tem o máximo empenho em que indivíduos do mesmo sexo se esmurrem com arte até cair para a banda. Que diria a Federação se aparecessem agora uns cavalheiros quaisquer a reclamar contra toda a espécie de «box» e respectiva Federação?

### Insuspeito

Do nosso colega O Mundo transcrevemos o seguinte êco, que foi extrahido da carta do deportado Pedro de Jesus enviada a sua companheira:

«...no outro dia fui chamado ao gabinete do chefe Xavier. Disse-me que tinha de confessar tudo. Aleguei a minha inocência e eles, que eram quatro, caíram-me em cima a cavalo marinho, dando até eles querem. No domingo ainda foi pior: estavam todos bebidos! Deram até que, pelas duas horas da madrugada, tive de ir curar-me à farmácia. As costas eram como carvão. Foi assim até sexta-feira, 29 de Maio, dia em embarquei... O Carlos também veio. Estava todo cheio de sangue. Tinham-lhe partido uma garrafa de aguardente na cabeça! Todas estas barbaridades foram na devida oportunidade focadas nas nossas colunas, não merecendo a devida consideração de muitas pessoas. Como são agora referidas pelo órgão democrático talvez tenham o condão de fazer alguma luz...

## Na Sociedade das Nações

O controle financeiro imposto à Austria

GENEVA, 11.—O conselho da sociedade das nações resolveu suprimir no fim de Junho do ano próximo o controle financeiro imposto à Austria, mantendo-o no entanto ainda durante algum tempo junto do Banco Nacional de Viena.

## Na conferência ontem realizada o dr. Sobral de Campos considerou as deportações como um acto inconstitucional e anti-humano só próprio dum governo de renegados

Perante uma numerosa assistência o dr. sr. Sobral de Campos fez ontem no Salão da Construção Civil a sua anunciada conferência sobre «As Deportações» tendo conseguido prender completamente a atenção daqueles que o ouviram.

Sereno, baseado-se apenas nas leis e nos códigos, feitos há já bastante tempo, mas que hoje nada valem, o timbre da sua voz deixava transparecer, no entanto, a surda indignação que lhe ia no intimo. Sem frases pomposas, sem grandes gestos, mas pleno de sinceridade e de vigor, servindo-se dumaa argumentação irrefutável, seca e mordaz, o orador vinculou bem no intimo dos assistentes, explicou quo infamante era a injustiça cometida para com essas dezenas de deportados, que, sem o mínimo respeito pelas leis, tinham sido lançados criminosamente para o ardente inferno africano.

Notou o dr. sr. Sobral de Campos que era necessário interessar todas as consciências, todos os governos para que a ignominiosa ilegalidade findasse.

«As sociedades, diz o dr. Sobral de Campos, têm evoluído: nas Letras, nas Ciências, nas Artes. Direito, as normas através dessas mesmas Sociedades evoluíram também. No entanto essas evoluções têm sido muito imperfeitas. A Humanidade tem evoluído, mas as leis continuam imutáveis. A imperfeição pois dessas leis é manifesta.

«No entanto na Sociedade notam-se movimentos de avanço e de recuo. Recua-se, é verdade, mas para se avançar mais ainda. E da mesma maneira as fórmulas jurídicas devem ser umas hoje, amanhã outras».

O orador lembra à assembleia sempre atenta, que no tempo da monarquia se produzia, em dado momento, uma dessas transformações sociais:

Em 1892, nessa época já distante, criou-se com a lei de 21 de Abril uma disposição que até então não existia.

O artigo 11.º dessa lei dizia o seguinte: «A remoção para as possessões ultramarinas, em virtude da presente lei, ficará sempre dependente do exame prévio da saúde e robustez dos indivíduos entregues à disposição do governo».

Isto para os criminosos que depois de condenados eram postos à disposição do governo.

Um princípio de humanidade e de bom senso guiara o legislador ao criar o artigo 11.º desta lei. Um governo, fôsse ele qual fôsse, não poderia pois, enviar condenados para o Ultramar sem primeiro os submeter a uma inspecção médica, que daria o seu parecer sobre o envio ou não de qualquer homem para um clima insóspito e traiçoeiro.

Tinha havido um recuo ao criar-se a lei de 21 de Abril de 1892, mas houve quem notasse que era necessário criar dentro dessa lei um princípio que destruísse um tanto a repugnância e a má impressão que ela poderia causar. E por isso se criou o artigo 11.º just! Os fracos, os doentes, não poderiam ser enviados para uma morte certa, não podiam ser condenados a uma tortura que só acabaria com o último suspiro.

Também em 13 de Fevereiro de 1896, uma lei foi criada contra os anarquistas, de forma a fazê-los enviar sem mais nem menos para Africa ou para Timor.

Veio a República e naqueles primeiros momentos de entusiasmo e de justiça, ainda quente dos clamores do povo que a fizera e que por ela derramara o seu sangue, ainda impregnada desse entusiasmo e desse ardor que só a alma popular sabe fundir, a República pôz no primeiro plano das suas preocupações a modificação de várias leis. Assim foi criado, cinco dias depois do advento da República, o decreto de 10 de Outubro de 1910 que revogava em absoluto a lei contra os anarquistas e punha termo à lei de 1892.

Destas vez as promessas não tinham sido esquecidas.

O dr. sr. Sobral de Campos faz em seguida várias considerações sobre a Novíssima Reforma Judiciária, a que mais justamente devíamos chamar Velhíssima Reforma.

Segundo a mesma é norma dar a máxima latitude à defesa do réu. Entre condenar um inocente e absolver um criminoso, não havia a hesitar. Estávamos em face dum boa doutrina para quem possui sentimentos humanitários.

Hoje, infelizmente, já nada disto sucede. E' preferido condenar um inocente a deixar escapar um criminoso.

Esta mentalidade dá a nota concreta do momento que atravessamos. Houve um enorme recuo. Mas perante êste recuo, não podemos ficar impassíveis. Há necessidade dum propaganda intensa para não deixarmos calcar aos pés as liberdades que tantos sacrificios custaram.

O dr. Sobral de Campos demonstra depois que a «Novíssima Reforma Judiciária», apesar de velha, contém disposições que os governantes de hoje esqueceram completamente.

Temos por exemplo o artigo n.º 1107 que diz: «O réu tem o direito de escolher um advogado da sua confiança».

Ainda mais! o artigo 1131 reza: «Se o réu tiver conhecimento, na própria audiência, de alguma testemunha que possa esclarecer os factos a seu favor, o juiz interromperá a audiência por 24 horas para essa testemunha ser produzida».

Ainda não é tudo! A Constituição da República, n.º 20 do artigo 3.º, diz que em todos os crimes o réu tem direito à instrução contraditória.

O n.º 22 do artigo 3.º da mesma Constituição abole a pena de morte.

E o dr. sr. Sobral de Campos, numa crescente indignação e enquanto na assistência, várias mãos soluçam num exterior em que se adivinha ameaças, pergunta em que situação se encontram os indivíduos por quem eles ali estão. A República comete um crime esquecendo as regalias e os princípios que a deviam guiar, prejudicando cada um de nós.

Primeiro que tudo esses homens foram enviados para Africa, e o governo da República, iludindo o seus próprios princípios, renegando o próprio artigo 11.º da lei de 1892, cometeu uma infâmia sem nome, cometeu um gesto odioso, que o povo não pode perdoar.

Contra está a lei? Quem marchou sem ela e contra ela? Nem ao menos esse princípio da monarquia foi respeitado. Onde estão esses médicos que examinaram as condições de robustez dos condenados? Mas ainda há mais! O governo enviando para Africa essa corte de infelizes, sem exame médico, sem que haja quem assumisse a responsabilidade de qualquer fatalidade, revogou jesuiticamente o n.º 22 do artigo 3.º da Constituição que abolia a pena de morte!

Agora sobre os julgamentos a que os acusados vão ser submetidos, em que circunstâncias vão eles ser feitos?

Como se deslocarão as testemunhas para ser ouvidas a favor dos réus?

Como serão cumpridos os artigos n.ºs 1107 e 1137 já citados?

O Conselho Jurídico da C. G. T. tem estado empenhado numa luta constante, sem treguas a favor dos deportados. Não os tem abandonado por ser seu dever e por uma questão de princípios, pois é necessário opor-nos, por todas as formas, a que estes casos se repitam.

O orador diz que confiara em que o presidente do Ministério, tomasse uma atitude que o nobilitasse, como outrora, mandando regressar os deportados à metropole. No entanto nada foi feito. O presidente do Ministério tornou-se cúmplice do crime.

Ultimamente serviu-se dum expediente estranho. Disse que era necessário rever os processos. Mas para quê? E quem foi encarregado, dessa revisão? Barbosa Viana que não tem para isso a competência moral e profissional necessária.

O movimento de protesto encetado não pode ficar nos artigos que A Batalha tem publicado. São necessárias várias conferências e levar a massa a um grande comício, a fim de que os princípios consignados sejam mantidos, e para que não continuem a efectuar-se as barbaridades que nos têm enojado!

## VIOLENCIAS INUTEIS

Terminada a brilhante conferência em delegada da Comissão pró-Regresso dos Deportados, informou a assistência de que na próxima terça-feira se realizará a terceira conferência em que será orador o dr. sr. Amâncio de Alpoim.

A iniciativa da Cooperativa Lisboense de Chauffeurs, que tão lisongeiro acolhimento recebeu do público, não teve o condão de agradar a alguns «chauffeurs» de praça pela concorrência que os «taxis» estabeleceram com os demais carros. Os descontentes ameaçaram destruir os autos logo que eles aparecessem nas praças e cometer outras violências para impedir a sua circulação.

Os «taxis» iniciaram a sua circulação anteontem e as violências já se fizeram sentir, segundo refere A Tarde, no seu número de ontem. Diz aquele vespertino: «Hoje esboçou-se no Terreiro do Paço um conflito, a que alguns «chauffeurs» ordeiros conseguiram pôr ponto.

No referido local appareceram de manhã retalhados os pneumáticos dos «taxis» 8.281 e 8.862, respectivamente guiados por António Feiteira e Carlos Costa Palha, ignorando-se por enquanto quem fôsse o autor da maldade».

Não podemos compreender o gesto daqueles «chauffeurs». Sendo a Cooperativa Lisboense de «Chauffeurs» composta unicamente por profissionais, não faz sentido que sejam os próprios «chauffeurs» que atentem contra uma instituição que visa a emancipar os condutores de automoveis da tutela patronal. E é tão incoerente o seu gesto quanto é certo que com êle só aproveitam os patrões que pretendem à força conservar os actuais preços de corrida e exercer a mesma exploração nos seus empregados.

Que atentem nisto todos os «chauffeurs» se querem gosar da estima do público.

## I Congresso Nacional dos Serviços de Saúde

Reuniu ontem a Comissão Executiva do I Congresso Nacional dos Serviços de Saúde, resolvendo definitivamente a sua reunião em Lisboa, nos dias 22, 23 e 24 do próximo mês de Outubro.

Todas as teses e trabalhos a apresentar à discussão do Congresso devem ser entregues até ao dia 1 de Outubro, a fim de ser organizada a ordem dos trabalhos.

Foram recebidas diversas adesões individuais, podendo fazer a sua inscrição todos os indivíduos que trabalhem em qualquer ramo dos serviços de saúde, sem distinção de categoria. Entre as adesões recebidas, tomou conhecimento do do pessoal hospitalar de Évora.

Toda a correspondência e esclarecimentos, relativos ao Congresso, devem ser pedidos ao sr. Abel da Cruz, secretário geral, travessa de São Bernardino, 11.—Lisboa.

## Crónica literária

A França de Vitor Hugo e Anatole acaba de perder com a morte de Adolphe Brissson um consciencioso trabalhador da pena, um «amigo do Teatro e das Belas Letras» como proclama o jornal Comédia.

Num singelo artigo, firmado por Henry Bidon, é prestada a devida homenagem de enterneceira e maguada saúde aqúele escritor, encomiando as suas viris qualidades de carácter austero e as suas intrínsecas virtudes de espirito iluminado.

Portraits intimes são o repositório, colorido e movimentado dos artigos de grande reportagem com que o morto illustre de agora iniciara auspiciosamente a sua carreira de jornalista e literato, carreira que encontrou na critica dramática do Temps o mais poderoso pilar de fortalecimento. E como crítico, duma lealdade inextinguível e duma firmeza de observação profunda, os nove volumes em que reuniu as crónicas teatrais do Temps falam clara e explicitamente, em todo o grau da sua expressão.

O articulista da Comédia, a propósito pretende dar uma definição, tão completa quanto possível, de arte da critica, afirmando que ela está muito longe de ser o que se diz, se ao mesmo tempo que refere pontos de contacto com a arte do retrato. E pergunta, convictamente: «Surprender o carácter duma obra, no seu valor subjectivo e na sua unidade objectiva, reconstituindo nos estreitos limites dum folhetim um ser à imagem e semelhança do modelo, não é, porventura, ser-se pintor?»

Mais adiante sustenta: Todo o retrato participa da personalidade do pintor; nas criticas de Adolphe Brissson, encontramos-o a cada momento.

Relembra o articulista estas palavras de Adolphe Brissson, à roda duma das mais atrevidas peças de Bataille: L'enfant et l'amour: «Ninguém tanto como Bataille consegue discernir o imperceptível, sugerir o que não exprime totalmente... Isto é um pouco mais que arte, é milagre. O milagre da sugestão».

O teatro de Bernard ainda não tinha surgido para a luz da mentalidade. As teorias, quicá irreverentes, de Baty ainda não tinham encontrado pensamento forte que as lançasse no mundo. Mas Brissson, mercê da sua sagacidade e penetrabilidade de dissecação espiritual, reconhecia no teatro de Bataille a origem primária e essencial do movimento dramático, que só dezasseis anos depois encontraria eclosão; para alarme daqueles que, quais lapas, agarradas ao rochedo do conservadorismo, se mostram refractários a renovações.

Optimista, dum optimismo despido de sombra, pessimista, dum pessimismo vazio de manchas, Brissson fez justiça ao drama «Après Moi», de Bernstein, e «L'Aventurier», de Capus. Criou no triunfo daquelle e assinalava neste um émulo de Corneille.

Mas, grande na critica, Adolphe Brissson foi superior na direcção dos Annales, revista que seu pai, Jules Brissson, criara. E o artigo que tenho diante de mim afirma ser necessário percorrer muitos países para nos apercebermos do imenso serviço prestado por essa revista em todas as partes do mundo onde se fala o idioma francês.

Por ocasião do aparecimento do n.º 2.000 dos Annales Paul Bourget, romancista que todos os amadores de literatura conhecem, escrevia: «Todas as semanas foca um acontecimento, um país, um homem, um livro, um problema. Escrever sobre êste país, êste homem, êste livro, êste problema, uma página que provoque a reflexão; descobrir em volumes recentes e artigos em jornais esquecidos e velhos, páginas que se lhe reíram; juntar-lhe novelas e romances, fazer com que o fascículo, desta maneira, possa ir para todas as mãos e interesse a todos os espiritos, tanto de alta como de média cultura: eis o programa».

Assim falou Paul Bourget dos Annales, obra que evidencia, juntamente com as Conferências, o critério de bom senso, o espirito de organização e o inteligente labor de Adolphe Brissson.

Os jornais portugueses fizeram cõro de tãcita mudez em torno dessa figura literária, agora desaparecida e que a França mental pranteia.

E eu dedico-lhe esta primeira crónica.

Adolfo de CASTRO

## A guerra de Marrocos

A ofensiva dos franceses

FEZ, 11.—As tropas francesas iniciaram às primeiras horas da manhã de hoje, a grande ofensiva contra os rifenhos numa extensão de 60 quilómetros.

Os espanhóis marcham sobre Adgir...

MADRID, 11.—Um comunicado oficial informa que as tropas espanholas devem prosseguir amanhã em marcha sobre Adgir.

... mas são repellidos pelas rifenhos

TANGER, 11.—A violência do ataque dos rifenhos obrigou as tropas espanholas a suspenderem a marcha que haviam iniciado sobre Adgir.

## A POLÍCIA que devia ser apenas uma corporação de utilidade pública é um joguete nas mãos da reacção

Não aceitamos a existência da policia organizada senão para desempenho de missões de reconhecida utilidade pública. A policia serve para regularizar metódicamente o trânsito de veículos de forma a evitar lamentáveis desastres; prestar todos os esclarecimentos aos transeuntes; socorrer e ou chamar socorros em casos de desastre, incêndios, acidentes; guiar os estrangeiros, servindo-se para isso dos idiomas mais conhecidos como francês, inglês, alemão, espanhol, etc. A missão da policia devia ser altruista e não repressiva como os Estados burgueses pretendem.

Em Lisboa, porém, é essa missão que menos importância tem para os dirigentes. A policia no entender dos governos é uma arma posta ao seu serviço, ao serviço dos seus interesses, é uma arma que manejam para conter em respeito um povo que na maioria das vezes não pensa sequer em revoltar-se, mesmo quando para isso lhe sojebe razão.

Se preguntarmos aos políticos, aos ministros, aos próprios comandantes dessa corporação qual é a sua utilidade, eles respondem imediatamente como o olugarcunha que encerra toda a tacahez do seu pensamento:

«A policia serve para manter a ordem».

«Manter a ordem» é espancar, disparar tiros a torto e a direito para apaziguar, por vezes, um conflito insignificante, suprimir violentamente direitos consignados na Constituição, atentar contra a liberdade de reunião ou de associação — é provocar a desordem.

De quando em vez fala-se em reformar a policia. E o pensamento que preside a essa intenção nunca é o de transformar uma corporação odiosa, que tem estado ao serviço de todas as facções políticas e todos os interesses inconfessáveis que têm subido ao poder, numa instituição de utilidade pública como a dos Bombeiros ou a da Cruz Vermelha. Não, reformar a policia para esta gente é muni-la de espingardas, é apetrechá-la com metralhadoras, capacetes imperiais, cavalaria, e não virá longe o dia em que para ela se reclamarão canhões de grosso calibre e gases asfixiantes.

Tudo o empenho dos políticos é ver na policia um corpo de exercito bem organizado e municiado capaz de tomar parte com êxito assegurado em qualquer dessas revoluções de opereta que a sua gula insaciável de quando em vez provoca.

Tudo o empenho dos governos é ter na policia uma arma facilmente manejavel que os defenda bem das revoluções sinhas de trazer por casa...

A policia tem sido apenas um instrumento politico de repressão, umas vezes ao serviço dos democráticos dando pancada nas outras facções políticas, outras, ao serviço dum Sidónio agredindo os democráticos—e sempre brutalizando a classe operária.

Nêste momento fala-se muito em reformar a policia, em dotá-la dos elementos necessários para manter a ordem. Os conservadores, os proprios monárquicos, as forças vivas aplaudem a ideia. Para eles o reaccionarismo das pessoas que estão à frente da Policia de Lisboa é uma garantia de que aquela corporação, melhor armada, exercera o terror sobre a classe operária, e permitir-lhes há roubar o público livremente.

Os jornais republicanos, salvo honrosas excepções, também aplaudem não só o armamento como o aumento dos efectivos policiaes, esquecendo lamentavelmente o que ácerca da policia disseram no tempo da monarquia, no tempo em que a sua situação era a do operariado nesta época: — levar pancada a propósito de tudo e a propósito de nada.

E, entretanto, a cidade está abandonada. Os serviços de utilidade pública a que nos referimos no começo deste artigo são letra morta; cai na rua um desgraçado com fome e para ali fica tempos infinitos, rodeado de gente, à espera dum socorro; há um atropelamento e o atropelado recebe socorro tardamente, tudo porque a própria policia, toda empenhada na defesa da ordem, já nem se julga no direito de prestar um auxilio e, por vezes, até responde torto às pessoas que lhe pedem simples esclarecimentos.

## PERSEGUIÇÕES

Em defesa própria

Com o pedido de publicação recebemos a carta que a seguir reproduzimos:

«Senhor redactor de A Batalha:—O Seculo de ontem afirma que os «Legionários Vermelhos» são todos gatuos, vadios, assassinos e vigaristas.

Como infelizmente o meu passado deixou algo a desejar, mais por culpa da policia do que por minha, venho muito respectivamente pedir a v. se digno tornar publico que há já seis anos que não sou prô e há dez que dei de ser enviado ao tribunal, pelo que se vê que nada se provou na policia, contra mim das acusações ou suspeitas que a policia fez a meu respeito.

Tenho, pois, sr. redactor, durante os dez anos que findaram apenas uma prisão com envio ao tribunal de Campolide, onde respondi como vadio, quando eu era estabelecido como os proprios agentes confirmaram pelo que fui absolvido.

Tenha uma outra por atentado ao agente da policia Manoel Joaquim Serra por êste me perseguir, e tanto isto ficou provado que fui absolvido.

Termino, pois, pedindo que torne publico que eu não tenho com a «Legião Vermelha» pois desconheço tal associação, dedicando-me somente ao meu trabalho.



# Pelo depoimento de algumas das testemunhas de acusação dos implicados no 18 de Abril conclui-se que houve confraternização entre os revoltosos e forças governamentais

A's 12,15 horas de ontem abriu a sétima audiência. Aparato proverbial. Assistência diminuta. O interesse pelo julgamento vai decrescendo.

Faz-se a chamada das testemunhas. Faltam muitas, entre as quais o sr. Vitorino Guimarães e o comandante Bramão.

Como nas audiências anteriores, o general Carmona requer que se aguarde o prosseguimento dos trabalhos, a ver se as testemunhas em falta se apresentam no decorrer destes.

O sr. Cunha Leal lê e comenta uma carta de autoria do escritor Campos Monteiro, publicada na *Epoca*.

Requer em seguida que o autor do «Saúde e Fraternidade» seja intimado a depor. Este requerimento foi apoiado pelo major Tagagnini Barbosa e teve a concordância do general Carmona.

O tenente da G. N. R. Sousa Viana, interrogado pelo promotor, diz que na madrugada de 18 de Abril, foi ordenado pelo 2.º comandante da G. N. R., que fosse a Queluz ou à Serra de Monsanto, procurar o Grupo a Cavalos.

O promotor:

—Pelo depoimento de algumas testemunhas, parece que houve uma certa confraternização entre a G. N. R. e os revoltosos...

—Essa confraternização e essa camaradagem não eram desse dia, mas de sempre.

—E continuou mesmo depois de começar o tiroteio?

—Não sei, porque às 2 horas da tarde saí do quartel...

O capitão Cunha Leal:

—Não estranhei que a 200 metros uma bateria revoltada, marchasse pacificamente um esquadrão? Não tirou daí a conclusão de que houvesse qualquer entendimento?

—Não, senhor.

—Em todo o caso, é estranho, não é verdade?

—Eu julguei...

—V. ex.ª julgou, certamente, o que em também julgou: que entre a bateria revoltada e o esquadrão havia entendimentos...

Sorrisos discretos da assistência.

O capitão da G. N. R. Silva Ramos diz que sabe que havia forças revoltadas na Rotunda.

—Eu estava comandando interinamente o batalhão de Campolide. Por um lapso qualquer, só às 5 horas recebi ordem de prevenção, a pesar das outras unidades da G. N. R. a terem recebido às 3. Dirigi-me ao quartel e dali telefonei para o comando, recebendo ordem para ter o batalhão pronto a pegar em armas.

Conta que à porta do seu gabinete, apareceu o major Catarina de Lima que procurava o comandante Filomeno da Câmara.

—Disse-lhe que não era ali; que estava no quartel de Metralhadoras. E ele foi para lá. Desconhecia que o major Catarina de Lima fosse revolucionário. Constantemente entravam no quartel oficiais fiéis ao governo, emissários da Divisão, etc., que encontravam e falavam a oficiais revoltosos. Nunca prendi nenhum dos revolucionários, porque, se o fizesse, imediatamente se rompiam as hostilidades, e eu não estava em condições de lhes opor resistência.

O capitão Silva Ramos é depois interrogado pelo major Tagagnini Barbosa.

—Lá agora, tinha dúvidas sobre a sua atitude; agora estou completamente elucidado. Declaro, v. ex.ª, que «por causa dum lapso qualquer» não recebi a ordem de prevenção ao mesmo tempo que as outras unidades. Afirmei v. ex.ª que do seu batalhão saíra uma força, sem seu conhecimento.

Sou, e isso não é crime, sócio da minha associação de classe, mas mais nada.

Creio que a minha classe não pode ficar manchada por tal facto, pois, como já disse, só do meu trabalho vivo como posso provar.

Pela publicação desta fica muito grato o que é de v. etc.—*Raul da Silva Monteiro*.

—Prêso no calabouço 6 do governo civil.

Um alvitre

Pedem-nos a publicação do seguinte:

*Camarada redactor:*—Tenho acompanhado o mais possível e com o interesse que o assunto deve merecer a todos os homens de coração, tudo quanto se tem feito a propósito da excepcional situação em que se encontram os deportados da Guiné e Cabo Verde.

A carta que o nosso jornal *A Batalha* publicou antontem relatava as atrocidades que os deportados estão passando, que nem mesmo condenados que fossem, poderiam passar sem o nosso protesto.

Essa carta obriga-me a pedir-vos um canto do vosso jornal para um alvitre que talvez consiga um pouco mais de atenção das instâncias competentes. Ei-lo:

Segundo notícias as gazetas vai realizar-se a festa dos mercados.

Consta ela de folguedões que, entre outros objectivos, servem para entreter o sofrimento das classes operárias perante a miséria que atravessam.

A contrapor a esses festejos poderíamos levar a efeito uma parada de forças operárias que se manifestaria contra as deportações sem julgamento, podendo esse cortejo revolucionário organizar-se, por exemplo, na sede da C. G. T., desfilando pelo Chiado, Rossio e percorrendo as principais ruas da baixa, isto à mesma hora em que se iniciasse a festa dos mercados, e assim nós iniciáramos a marcha em prol dos deportados!

Esta manifestação para ter o cunho revolucionário teria que ser o mais ordeira possível. Se isto assim não chegasse para acordar os que dormem e não ouvem os protestos contra as deportações, então poderia realizar-se outra, possivelmente no próprio dia das eleições, mas esta nos precisos termos em que nos aconselha a própria Constituição, isto é, a rebelião contra quem desvirtua o que a Constituição contém de bom.

Aí fica o alvitre e que os militantes e sindicatos digam dele o que entenderem, mas que se faça mais do que conferências...

agradecendo a publicação, creia-me camarada certo, *Bernardo Gumerzindo dos Santos*

## CARTA DE COIMBRA

### Sobre dois crimes

O do polícia 58.—Quatro guardas, tão culpados como ele, transformados em suas testemunhas de acusação

COIMBRA, 10.—Há tempos, a propósito dum carta publicada no *Século* e assinada por um tal Camilo Alves, em que se fazia a defesa do polícia n.º 58 que tentara matar o soldado Júlio Ramos, facto que *A Batalha* relatou circunstanciadamente, viemos à estacada pondo as coisas no seu lugar e, como nos compete, por vivermos um pouco as peripécias desse horroroso crime, narrar mais uma vez que, além do polícia 58, deviam também estar isolados do contacto público os guardas 86, 34, 57 e 30, pois as responsabilidades a todos pertencem, como mais uma vez vamos demonstrar—para que dum vez para sempre fique arrumado este caso.

«Surgido o conflito entre o guarda 86 e o militar Júlio, estes envolveram-se à pancada, tendo em seguida tomado parte na contenda os restantes guardas, excepto o 58, que só mais tarde veio para, à queima-roupa, desfechar dois tiros de pistola sobre o militar Júlio, que se encontrava agonizante estatelado na valeta da rua.

«O militar Júlio levou muitas e brutais pranchadas, escorrendo-lhe da cabeça bastante sangue. Depois, quasi sobre a cabeça, uma «Savage» desfechou dois tiros.

«Feita, porém, a autópsia, verifica-se que o militar Júlio não foi atingido pelos tiros, tendo morrido, pois, em resultado das pranchadas selváticas dos guardas 86, 30, 34 e 57.

O processo, entretanto, foi organizado e o guarda 58 recolheu à cadeia. Porém, os restantes contendedores continuaram à solta, vindo lá pouco à luz do dia esta coisa pasmosa: os guardas 86, 34, 57 e 30 eram testemunhas de acusação do seu colega 58!!!

Estamos, pois, em frente dum monstruoso processo judicial, talvez dum processo de favor para salvar quatro indivíduos que são criminosos e que, como agentes da «ordem», exorbitaram ao ponto de assassinar com ares e infamemente um infeliz soldado.

Não julgemos os leitores—estamos certos que assim não pensamos—que estamos a defender o guarda 58, tão criminoso como os outros, pois além de desfechar contra o militar Júlio, procurou ainda atingir o sargento Raúl, que a esse tempo se escapara por estar desarmado.

Ficis à Verdade e à Justiça queremos apenas que o povo se veja livre destes canibais para não termos de andar com mais cuidado do que no tempo de João Brandão...

Um crime de estupro — A menor de 15 anos, que foi violentada, protelada pelos que contra ela atentaram

É triste dizê-lo, mas afinal parece que é verdade. Aqueles indivíduos implicados no crime de estupro, que foi levado à prática numa pequena de 15 anos por ocasião das «fogueiras» de São João, ao que nos informam conseguiram subornar a infeliz que nas suas garras de miseráveis caiu, andando esta já bem posta, com luxos, quasi a pavonear-se a perder-se!

É sempre assim!

Depois desmente, parece que satisfeita com esse luxo degradante, parte do que primeiramente afirmou—que foi a sua violação brutal, com espancamento e até ameaçada com tiros—dizendo ser de sua livre vontade, tendo até tido relações sexuais com um seu primo, etc.

A eterna canção das criadas... e do satânico dinheiro que corrompe.

Assim, tendo-se constituído uma comissão para angariar donativos, para convidar o dr. sr. Cunha e Costa a defender a rapariga, a dita comissão já se dissolveu, entregando aos subscritores as quantias que tinham oferecido.

Podem, pois, os «Trindades Coelhos» defender esta sociedade arramassada com a «sua» moral... que ela dignifica os bem. Sim! com uma diferença, e que as vítimas são as filhas dos outros...

Estão pois descansados os da troupe *filibusteira* que se saciarão como bestas! O dinheiro arranjou-lhes uma impunidade!

...E oxalá não vejamos breve, a sua vítima passear as ruas da cidade num sorriso provocador e lânguido olhar, calado com o passar dos anos na maior devassidão e miséria!...—C.

## O conflito na Parceria das Vapores

### Lisboenses

Continua sem solução a greve do pessoal desta empresa que, não obstante as «demarches» realizadas não atende à justiça que assiste aos reclamantes.

Ontem reuniu novamente a assembleia geral dos carpinteiros navais, que apreciou, rejeitando-a, uma tabela apresentada pela Parceria, tendo resolvido que enquanto não forem atendidas as reclamações nenhum operário retomará o trabalho, dispondo-se todos, se tanto for preciso, a abandonar de vez aquela empresa exploradora.

Espera a classe que a Federação Marítima, acatando as resoluções do Conselho Federal, intensifique a «boicote» fazendo paralisar os vapores da carreira de Casilhas e Aldegaleta.

## Secção Telegráfica

### Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Braga.—Segue ofício para a sede do Sindicato.

Delegação Federal do Norte.—Vosso ofício será presente ao próximo conselho federal.

Coimbra.—*Alfredo da Silva*.—Enviai com urgência o novo ofício a que vos referis.

## Sociedades de recreio

Grupo Excursionista Familiar Nova Aurora.—Chega amanhã a Lisboa este grupo, pelas 18 horas, à Estação do Rossio.

Grupo Excursionista «Os Tunas».—Convida os seus sócios a comparecer na sede, amanhã, pelas 16 horas prefixas, assim como os seus congéneres, para ir esperar o grupo Familiar Nova Aurora.

# A mesquinha vingança

## é o supremo argumento dos tartufos das «poderosas» de Samora Correia

Augusto Carola, é um pobre rapaz que tem a desdita de ser surdo. Não é maldoso; e, se muitas vezes não desempenha o seu serviço com a perfeição e rapidez que os *majors* exigem é porque não ouve bem.

É uma fatalidade de que ele é a mais lamentável vítima. Mas na Companhia não se desculpam essas pequenas coisas.

Para ganhar mais um pouco passou o Augusto Carola ao serviço da cortiça, muito violento, mas de melhor remuneração; e, como principiante nesse serviço, ganhava menos um pouco; e, por ser mouro, sendo preciso, às vezes, repetir-lhe as ordens ou instruções, ganhava ainda menos do que os outros principiantes \$50 centavos diários, não obstante o seu serviço merecer, no dizer dos companheiros, bem melhor remuneração.

Um dia um seu irmão de nome Joaquim Carola, se não estamos em erro, depois de algumas libações numa das quarenta tabernas da vila, perguntou ao capataz por que é que seu irmão, por ser surdo, ganhava menos \$50 centavos que os outros.

Palavra puxa palavra e a coisa azedou-se um pouco.

Na segunda-feira seguinte, quando este Joaquim Carola ia, de alforjes aviados, para se dirigir ao local do trabalho, foi-lhe dada ordem terminante de que, se quizesse trabalhar na casa da *senhora* Companhia, teria de ir para os *salgados*, para um serviço diferente do seu, ganhando menos \$300 diários, salvo o erro.

Ora, se este trabalhador desrespeitasse por qualquer maneira as ordens do capataz Barradas, dentro do serviço, bem está que sofresse qualquer castigo, quando mais não fosse, uma admoestação para não reincidir; mas não. Ali vai-se logo ao cabo e não há para onde apelar ou a quem recorrer. Ali é tudo primitivo. É o despotismo puro.

Na mão do capataz está tudo:—desde a liberdade do trabalhador até ao pão de filhos dos que trabalham às suas ordens.

Porque não são somente os magnates dos colossos, esses que exercem as funções de chefes de serviço, administradores, gerentes, ou coisa que o valha, os maiores despotas, os que mais humilham o trabalhador, que mais o escarnecem, que mais o oprimem. Os *feitores*, os capatazes, mais directos mandões dos servos que a necessidade acorrenta por irrisórios salários aos mais rudes serviços do campo, são aqueles de quem mais se queixam os trabalhadores; e têm razão. Parece que esses tiranetes de via reduzida, esses que ainda ontem serviam sob o azoragado de outros mandões, deviam ser os primeiros a conhecer quanto custa andar curvado sobre as pesadas levadas, erguendo ao alto a fecundante enxada, desde que o sol nasce até que o sol se põe. Como servos que ainda ontem eram, parece que deveriam ser cumpridores do seu dever, sem deixarem de ser benevolentes para com aqueles a quem vigiam. A benevolência, a cordura, uma certa delicadeza para com quem trabalha, ainda que se trate das criaturas mais rudes e tacanhas, nunca deixa de cair bem. Ora, se os trabalhadores da Companhia fossem sempre dirigidos por *feitores* ou capatazes que tal mistério se dedicassem por especial preparação, em escolas próprias, ainda poderíamos conceber, por momentos, que da sua parte houvesse uma certa rudeza de tratamento, sabido como é que, na nossa sociedade actual, cheia de preconceitos injustificáveis, ainda se olha o trabalhador rude como uma coisa pouco apreciável, como um simples animal que apenas serve para alguma coisa enquanto anda revolvendo a terra; mas com capatazes, saídos do *banco* dos trabalhadores de que se não justifica a forma arrogante, jesuítica e intolerante, como são tratados os trabalhadores.

Rara é a semana que não ficam inúteis, pela vila, alguns pares de braços em cuja moradia há de rascar o pão e a alegria; e, se averiguarmos das causas, lá vem sempre o odioso capataz; e não obstante a repetição constante deste facto, não há a registar o mais leve desatado da parte dos trabalhadores contra qualquer destes tiranetes.

Querem submissão mais completa? Querem mais casneira disciplina?

Lamentam-se os trabalhadores de Samora de não saberem ler e de não terem quem os oriente; porque, pelo menos da parte dos corticeiros, dos mateiros, dos valadores e dos operários há grande vontade em ver erecta a sua associação de classe, para, por intermédio dela, fazerem valer os seus direitos. É um facto. Eles não têm ninguém absolutamente ninguém que os oriente. Os que o poderiam fazer estão enfiados aos colossos; os que o desejariam fazer não têm para isso a necessária preparação. E, por isso, mais necessária a propaganda, tenaz e metódica, entre os trabalhadores desta terra; porque a semente está lançada e não há forças que impeçam a sua germinação.

Serra FRAZÃO

## AGREMIações VARIAS

Liga Nacional de Defesa dos Animais.—Sob a presidência do arquitecto sr. João Lino de Carvalho, secretariado pelo engenheiro sr. Jorge Potier, reuniu antontem, em assembleia geral ordinária, esta Liga para apresentação do relatório da gerência do ano findo e eleição de dois cargos vagos no conselho directivo.

Foi lido o relatório, que é um extenso documento com dados estatísticos interessantes do posto de socorros a animais, situado junto do edifício da Contrastaria e aberto ao público desde dezembro do ano findo.

Por este documento se vê terem sido tratados, no 1.º semestre do corrente ano, 357 animais entre os quais 135 gatos e 153 cães.

A Liga está federada na Federação Ibérica das Sociedades Protectoras de Animais e Plantas, com sede em Madrid, organismo recentemente formado e que constitui um forte núcleo composto por 8 sociedades portuguesas e espanholas. Os fins desta Federação são a intensificação, nos dois países, do protecçãoismo aos animais incluindo a luta contra as touradas.

Procedendo-se à eleição dos cargos, foram eleitos os srs. João Callans Grilo, para tesoureiro; Eduardo Tudela de Castro, para 2.º secretário; e Jorge Potier e D. Sara Serzedelo Schultz Correia, para vogais.

Antes de encerrada a sessão foi pelo sr. Silva Junior feita uma exposição sobre a acção que a Liga vai desenvolver brevemente para se encerrar de frente esse grave problema da protecção aos animais, que preocupa todos os homens civilizados e cultos de todos os países e que entre nós está num abandono absoluto, sendo os animais de tracção diariamente vítimas das maiores crueldades, que ninguém tem evitado e a que é preciso pôr termo.

O Porvir da Família: *Telegrapho Postal*.—Reúne a assembleia geral amanhã, pelas 21 horas, na rua Augusta, 3, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Discutir e aprovar a gratificação atribuída ao actual encarregado dos serviços de escrita.

2.º Discutir e aprovar o projecto dos Estatutos publicados nos jornais de classe do pessoal maior e menor, a fim de serem enviados ao governo, para sua aprovação.

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

**A educação moral da criança na família**

Por Benoit Bouché—Tradução de Emílio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e educadores devem possuir para sabermos conduzir a educação das crianças. — Preço \$500, pelo cor. \$530. À venda nas livrarias. Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, P. Poais de S. Bento, 37-38—Lisboa

# TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

## Eden Teatro

A revista «Frei Tomaz» de Eduardo Fernandes e Carlos Ferreira, música de Alves Coelho e Raúl Ferrão

Está tão explorado já o género revista que é extremamente difícil achar novidades com que tornar atraente esta modalidade teatral. O que ainda actualmente *segura* as revistas é a riqueza dos seus vestuários e o espírito das suas rúbricas. Acumular quadros sobre quadros, fazer suceder, quasi ininterruptamente, números mais ou menos a propósito não é o bastante, desde que quem o faz não conheça bem o que pode interessar o público. E porque assim é, os revisteiros salvam-se ainda com a opulência da indumentária, porque a originalidade e a graça se cansaram de tal modo, que ninguém está disposto a assistir a escusas e enfadonhas reedições!

Quem actualmente, em Portugal, faz as revistas é principalmente os scenógrafos e os costureiros. Se o seu auxílio falhar, se o seu gosto fraquejar, a peça cai «redondamente».

Eduardo Fernandes (Esculápio) e Carlos Ferreira tiveram que se defrontar com todos estes factores, fizeram um grande esforço para fazer rir a plateia, deram-se ao trabalho insano de evocar pedaços do passado pitoresco, mas a assistência ou bocejou, ou esboçou pateada, porque a revista «Frei Tomaz» faltou originalidade, o que não admira pelo que dissemos, e a «verve» que parecia inédita sem afinal atingir o relevo de produções anteriores, até dos mesmos autores. Por seu lado os artistas sentiram-se abandonados, sem o recurso das suas aptidões, porque os papéis lho não permitiam, a música resultou banal e a scenografia e indumentária não passaram do «olgar comum», o que tudo serviu a dispor mal os espectadores, que, em todo o caso, já têm de outras vezes, aplaudido muito pior...

Para quê, pois, mencionar nomes de intérpretes, se todos estes fizeram o que puderam? Assim é melhor e certamente mais justo.

Nogueira de BRITO

## ACREDITA:

Trabalha geral, a submissão, a anémia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são têm um inimigo poderoso

## NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

Laboratórios do Farmacêutico Sarmiento, Lisboa

Preço dos Restaurantes, 18

## INSTRUÇÃO

Em Portugal, o ensino elementar técnico é deficiente e enfermado dos vícios que flagelam a Educação, mas, no entanto, do mau ainda algo se aproveitou, e para tal o sindicato metalúrgico, na sua missão de elevação técnica e profissional da classe que representa, lembra que todos os metalúrgicos, na época de matrículas que passa, se matriculem nas escolas industriais.

Verificáste-se este ano o desenvolvimento que o sr. director da Escola Industrial Fonseca Benevides tem sabido imprimir a essa escola, o que a tem tornado a mais recomendável.

Matriculas

Na secretaria da Associação de Classe de Empregados de Escritório, R. da Madalena, 225, 1.º, encontra-se aberta a matrícula todos os dias úteis, das 21 às 23 horas, para a admissão de alunos nas aulas de Contabilidade, escrituração, português, francês e inglês do 1.º ano do curso de profissional de escritório, estabelecido por aquela Associação.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$000

Pelo correio 16\$500.

Pedidos à administração de «A Batalha»

## HORARIO DE TRABALHO

O sr. Ermete Pires trocando das leis do país

Escreve-nos um operário, referindo-se à falta de respeito à lei que regula a duração do trabalho, na fábrica de moagem do Beato, da qual é director o sr. Ermete Pires. Alude o signatário às alegações que aquele moageiro faz, pois chega a trocar da lei sobre horário de trabalho, quando tanta disciplina impõe ao seu pessoal. Bom seria que este senhor tivesse mais em conta a miséria dos seus operários que ainda por cima são espinhados por aquele patrão.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracção sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

## MALAS POSTAIS

Pelo pacote «Kohn», são hoje expedidas malas postais para a Madeira e Africa Oriental (via Cabo) sendo da Caixa Geral a última tiragem da correspondência às 9 horas, e amanhã pelo pacote «Mosela» para Dakar e Guiné, sendo a última tiragem às 7 horas, e para as registadas recebe-se até às 17,30, de hoje.

## LER E ASSINAR

### Os Mistérios do Povo



MARCO POSTAL

França.—André Moreira Domingues.—Recebemos vale de 65 francos que ao cambio deu 61.75. A assinatura ficou paga até ao final do mês, restando 12.25 que conforme o seu desejo reverte a favor dos presos.

Amoreiras-gare.—António Portela.—Recebemos 12.50 que pagou a assinatura do Diário e Suplemento até ao final do corrente mês e a Renovação do mês de Outubro, p. p. e mais 3.000 para pagamento da Renovação de Alvaro Costa, do corrente mês.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	2	12	19	26	Aparece às 6,14
S.	3	13	20	27	Desaparece às 13,52
S.	4	14	21	28	FASES DA LUA
T.	1	15	22	29	L. C. dia 4 às 11,59
Q.	2	16	23	30	Q. M. dia 11 às 9,41
Q.	3	17	24		L. N. dia 19 às 13,15
					Q. C. dia 27 às 4,40

MAZAS DE HOJE

Pratamar às 9,19 e às 10,02  
Baixamar às 2,11 e às 2,49

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96,00	96,25
Madrid, cheque	2884	
Paris, cheque	993	
Suiza, cheque	3886	
Bruxelas, cheque	888	
New-York, cheque	19885	
Amsterdão, cheque	8800	
Itália, cheque	883	
Brasil, cheque	2870	
Praga, cheque	559	
Suécia, cheque	5833	
Austria, cheque	2881	
Berlim, cheque	4874	

ESPECTACULOS

TEATROS  
Dolfinem.—A's 21,30.—O Leão da Estrela.  
Hípico.—A's 21,30.—O Conde de Monte Cristo.  
Cine.—A's 21,30 e 22,30.—Frit Tomis ou o Mistério da rua Saravia de Carvalhos.  
Cine.—A's 21,30 e 22,30.—Rataplana.  
Cine.—A's 21,30.—Concerto pelo teo-  
lapeteiro.  
Juvenia.—A's 21,30.—Irmãos e A. Cladas.  
Il Vicente (a Graça).—A's 20.—Animatografo.  
Irenil Parque.—Lódas as noites.—Concertos e il-  
ustrações.

CINEMAS  
Olimpia.—Chado Terrasse.—Salão Central.—Cine-  
ma.—Salão Ideal.—Salão Lisboa.—Sociedade Pro-  
motora de Educação Popular.—Cine Puffs.—Cine Es-  
perança.—Chantier.—Livoli.—Tortoise.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora	30,00
Sapatos em verniz	38,00
Botas pretas (grande salto)	48,00
Botas brancas (salto)	28,00
Grande salto de botas pretas	88,00
Botas de couro para homem	46,00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com  
outra casa.  
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.  
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,  
12-24, com filial na mesma rua, n.º 28.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem  
dado lugar a que muitas lojas se con-  
sumam em Portugal limas estrangeiras,  
visto que as limas nacionais  
"Touro" da En-  
trepreneur, premiadas pela  
União Touro Petersen, Ltd., rivalizam em preço  
e qualidade com as melhores limas do Mundo!  
Experimentem, pois, as nossas limas que se  
encontram à venda em todos os bons estabe-  
lecimentos de ferragens do país.

FESTAS E ROMARIAS

Serviço especial da Companhia dos Cami-  
nhos de Ferro Portugueses, por motivo  
das festas da Nazaré, nos dias 7 a 13 de  
Setembro de 1923. Bilhetes especiais de ida  
e volta em 2.ª e 3.ª classes a preços reduzi-  
dos de várias estações para Cella e Valado,  
válidos para a ida nos dias 6 a 13 e para a  
volta até 14 de Setembro de 1923.  
Preços de Lisboa-Rossio, 2.ª classe, 51,15;  
3.ª classe, 33,40. Demais preços e condições  
ver nos cartazes afixados nos lugares do  
costume.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Saídas em SETEMBRO

Dia 15, para a Costa Ocidental de Afri-  
ca, o paquete

Pedro Gomes

Dia 1, para as Costas Ocidental e Orien-  
tal de África, o paquete

Moçambique

Dia 15, para a Costa Ocidental de Afri-  
ca, o vapor

São Tomé

Saídas em NOVEMBRO

Dia 1, para as Costas Ocidental e Orien-  
tal de África, o paquete

Lourenço Marques

Dia 15, para a Costa Ocidental de Afri-  
ca, o paquete

África

Saídas em DEZEMBRO

Dia 1, para as Costas Ocidental e Orien-  
tal de África, o paquete

Angola

Dia 15, para a Costa Ocidental de Afri-  
ca, o paquete

Pedro Gomes

Aviso importante:—São avisados os srs.  
carregadores de que, sendo indispensável  
manter as saídas nas datas anunciadas, as  
suas cargas têm de estar no nosso cais ou  
ao costado do navio, pelo menos, até 3  
dias antes do dia da saída.  
As bagagens devem estar no cais até à  
véspera da saída e liquidadas nesse dia os  
seus excessos, havendo-os.  
Para carga, passagens e mais esclareci-  
mentos, trata-se:

EM LISBOA, na sede da Companhia  
Rua do Comércio, 85

NO PORTO, na sua sucursal, Rua da Nova  
Alfândega, 34

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49

LISBOA

TELEFONE 2554

C

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS

AS TABACARIAS

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Companhia Nacional de Navegação

Para Porto (Douro e Leixões) sairá no  
dia 15 do corrente, o vapor "Ibo", rece-  
bendo carga. Trata-se na sede da Com-  
panhia, rua do Comércio, 85.

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professore		bowski, 1 volume de 38 pági- nas.....	3\$00
Comédia em 1 acto de Tristan Bernard, traduzida por Gaston Moch, 1 volume de 44 páginas	5\$00	Mohraji Rakontoj	
Aspazio		Contos humorísticos de Salom- Alehem, traduzidos por M. Mu- nik, 1 volume de páginas.....	6\$00
Tragédia em 5 actos de Svent- hovski traduzido pelo dr. Leonu Zamenhof, 1 volume de 157 pá- ginas.....	8\$00	Historio de la Lingvo Esperanto	
La Avarulo		Desde 1887 a 1900. Assunto sem- pre versado nos exames com- plementares de Esperanto. 1 vol. de 74 páginas.....	6\$50
Comédia em 3 actos de Molière, tradução de Sam Meyer, 1 vo- lume de 64 páginas.....	5\$00	Imenlago	
La Barbiro de Sevilha		Novela de Theodor Storm, tradu- ção de Alfred Bader, 1 volume de 33 páginas.....	3\$00
Comédia em 4 actos de Beaumar- chais, tradução de Sam Meyer, 1 volume de 64 páginas.....	4\$00	La Interrompita Kanto	
Bildotabuloj		Pela Sino. Orszeszo, tradução de Dr. Kabe, 1 vol. de 79 páginas..	3\$50
De Thora Goldsch m. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estam- pas elucidativas; é indispensá- vel. 1 volume encadernado....	15\$00	Kantaj	
Chaves de Esperanto		Peça em 4 actos de Paul Spaak, tradução do dr. Wyan der Bies- t, 1 volume de 111 páginas.....	8\$00
Pequenas, absolutamente portá- teis, esplêndidas como auxi- liar e para propagação, contem- do gramática e vocabulário....	5\$0	Kanto de Triunfanta Amo	
Elektilaj Pemoj		Por Ivan Turgenev, tradução de dr. Andree Fiser, 1 volume de 32 páginas.....	2\$00
De Henri Heine, tradução de Frie- drich Pillath, 1 volume de luxo	2\$60	Kurulo de Teroj	
La Elementoj kaj la Vortaro		Original de A. Carles, 1 volume de 50 páginas.....	3\$50
De Cefce, Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas.....	5\$00	Kurso Tutmonda laŭ la Metodo Natura	
Esperanto et Croix-Rouge		Original de Emile Gasse, 1 vol. de 57 páginas.....	2\$50
De Bayol, Em francês e Esperan- to, com a terminologia milita- re e enfermagem; precioso para conferencistas militares, 1 volume.....	2\$50	La Kvar Evangelioj	
Enciklopedio Vortaro Esperanta		Reúndidos num conto pelo padre Laisny, 1 volume de 196 pági- nas.....	8\$00
De Verax, com explicações em Es- peranto e tradução em francês. volume de 284 páginas.....	20\$00	Kvin Noveloj	
Esperantaj Poemoj		De L. E. Meyer, tradução de di- versos, 1 volume encadernado.	5\$00
De C. Chr. Dreogendijk.....	2\$35	Lupo, Hundoj kaj Homoj	
Esperantaj Prozaĵoj		Novela de Adolph Dyganski, tradução de Br. Kuhl, 1 volume encadernado.....	2\$50
De diversos autores, 1 volume de 246 páginas.....	8\$00	La Rego de la Montoj	
Fantomo en Zubli		Romance de Ed. About, tradu- ção por Gaston Moch, com linhas ilustrações de Gustavo Doré, 1 volume de 248 páginas	12\$00
De Koloman Mikszath, tradução de Eugeno Forster.....	4\$00	La Revizoro	
Fatala Suldo		Comédia em 5 actos de N. V. Go- gol, 1 volume de 100 páginas..	8\$00
De Leonel Dalsace, obra teosófi- ca traduzida por E. F. Cense, 1 vo- lume de 318 páginas.....	12\$00	La Rompantoj	
Fraulino Suzano		Cinco monólogos, com estampas intercaladas no texto, 1 vo- lume de 44 páginas.....	4\$00
Novela por Asejkeno, tradução de P. Medem, 1 volume.....	3\$00	La Rabistoj	
Frenezo		Drama em 5 actos de Schiller, 1 volume de 144 páginas.....	10\$00
Dois dramazinhos em 1 acto, ori- ginais de F. Pajula-Vajjés, 1 volume de 40 páginas.....	3\$00	Matematika Terminaro	
Fundamenta Krestomatio		Por Briar, 1 volume de 60 pági- nas.....	5\$00
Compilação de L. L. Zamenhof, autor do Esperanto, Exercícios, fábula, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir, 1 volume de 460 pági- nas.....	15\$00	Misterio de Dalero	
La Fundo de l' Mizero		Drama de Adolphe Gual, tradu- ção do catalão por F. Pajula- Vajjés, 1 volume de 96 páginas	3\$00
De Vaelav Sierosevski, tradução do dr. Kabe, 1 volume de 38 páginas.....	3\$00	Plena Vortaro Esperanto-Esperanta Kaj Esperanto-Franca	
Georgo Dandin		Por Emile Bolrac, 2 volumes de 430 páginas.....	30\$00
Comédia em três actos de Mo- lière, engraçadíssima, 1 volume de 52 páginas.....	6\$00	Porvo de Marista Terminaro	
Halka		Muito ilustrado e compreensível, compilado por M. Rollet de Pisla, 1 volume encadernado de 72 páginas.....	5\$00
Opera em 4 actos, texto de Wols- ki, tradução de Antoni Gra-		Salomé	
		Drama em um acto de Oscar Wil- de, tradução de H. J. Bulhous, 1 volume de 40 páginas.....	3\$00
		Sokrato	
		Drama em três actos de Ch. Ri- chet, tradução de J. Conteaux, 1 volume de 100 páginas.....	15\$00

TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio  
de carta registrada na qual será enviada a importância res-  
pectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio  
e registro.

Os preços de porte são os seguintes:  
Continente — Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 1  
quilos, \$5.00.  
Brasil e países da União Postal — Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.  
América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$30.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	1\$00
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	\$50
José Prat — A burguezia e o prole- tariado.....	\$50
A necessidade da Associação.....	\$50
Content — Contra o confusãoismo, Alfredo Neves Dias — Razão (poem- to social).....	\$50
Landauer — Social Democracia.....	\$30
R. Mela — O principio do fim.....	\$30
... A maçonaria e o proletariado.....	\$30
J. Most — Peste religiosa.....	\$50
J. Rio	
Trovas da noite.....	1\$00
Definições sociais.....	\$50
Contos num revotado.....	1\$00
Roberto o Pescador.....	1\$00
... — Crânio de Pensamento.....	\$20
J. Bakunine — No sentido de em que so- mos anarquista.....	\$50
Chueca — Como não ser anarquista.....	\$50
B. Lazare — A Liberdade.....	\$50
J. Etrevant — A minha deusa.....	\$50
Kropotkin	
A mocidade.....	\$50
Os bastidores da guerra.....	\$30
Moral anarquista.....	\$50
O espirito revolucionário.....	\$50
J. Guedes — Lei dos Salários.....	\$50
Briand — A greve geral.....	\$50
Roland — Russia Nova.....	\$50
... O sindicalismo e os intelectuais	\$50

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas deca-  
s, mactas, tubos, molas, chaminés de 2 a  
5 peças, lampões. Vendem-se no Largo  
Conde Barão, n.º 55 e quiosque.  
Dirigidos por Francisco Pereira Lata  
de a casa que lora-se em melhores con-  
dições.

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cor,  
para marceneiros,  
serradas em todas as grossuras.  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO  
Sabino da Silva  
Largo dos Inglozinhos, 50 — LISBOA

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98  
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando  
Narciso — A's 4 horas.  
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar-  
4 horas.  
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães  
10 horas.  
Pele e sítilis — Dr. Correia Figueiredo — 11  
às 5 horas.  
Doenças nervosas, electroparálise — Dr. R.  
Lafai — 4 horas.  
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos —  
4 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oli-  
veira — 4 horas.  
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo —  
5 horas.  
Doenças das senhores — Dr. Emilio Paiva —  
2 horas.  
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma-  
— 3 horas.  
Dois dentes — Dr. Armando Lima — 12 h.  
Cancro e rádio — Dr. Cabral da Mota — 4  
horas.  
Rolo X — Dr. José de Pádua — 4 horas.  
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Marta  
CLINICA MEDICA  
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos,  
9 (a Rua do Amparo)  
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (no Lu-  
ciano Cordeiro)

Pedras para isqueiros

METAL "AUER", as melhores do  
mundo. Um milheiro, 2000. Por  
quiosque, grandes descontos. Isqueiros  
AUSTRIA E PORTUGAL, tubo lar-  
go, boa niquelagem, d'água 2200.  
Tubos fechados e abertos, tampões,  
bicos, molas, rodas deca e mactas.  
Pedras ao único representante em  
Portugal: E. ESPINOSA, FILHO...  
Rua André de, 46, 2.ª — LISBOA.

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metas, cutelarias, talheres,  
louça esmaltada, parafusos, fun-  
dos para cadeiras,  
— guarnições para móveis —  
Chapa ferro preta e zincada  
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,  
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.  
24, R. do Amparo, 86 — LISBOA — TELEFONE 3930, N.  
gramas, FERRAGENS

las coisas, assim como a humilde habitação, em que  
havião nascido e onde esperavam morrer.  
O desespero rebentava em soluços, em queixas do-  
lorosas, e sobretudo em maldições, e em palavras de  
raiva, e de furor contra os ingleses.  
Este espectáculo fez em Joana impressão profunda;  
as calamidades da guerra, apresentavam-se pela pri-  
meira vez aos seus olhos, e ao seu espirito; e bem de-  
pressa devia contemplar esses desastres em todo o seu  
horror...  
Os fugitivos chegaram à aldeia de São Pedro, si-  
tuada à margem do Moso; um montão de ruínas ene-  
grecidas, alguns restos de madeiramentos queimados,  
eis tudo o que restava da aldeia!... Joana parou re-  
pentaneamente tomada de espanto...  
A poucos passos fumegavam as ruínas duma ca-  
bana, abrigada por uma grande nogueira de folhas se-  
cas, e de ramos queimados pelo incêndio; num dos ra-  
mos da árvore pendia, de cabeça para baixo, um ho-  
mem amarrado pelos pés por cima de um brazeiro  
meio apagado; o seu rosto já não tinha forma humana;  
os braços inteirados testemunhavam as torturas da  
agonia.  
Não longe dele, os dois cadáveres quasi nus, o de  
um ancião de cabelos brancos, e o de um adolescente,  
jaziam estendidos num charco de sangue; haviam ten-  
tado defender-se contra os ingleses; o ferro de um ma-  
chado de rachador estava caído junto do cadáver do  
ancião; o adolescente ainda tinha entre as mãos cris-  
padas o cabo dum forcado.  
Enfim, uma rapariga, com o rosto oculto por es-  
pessos cabelos loiros, sem dúvida tirada em camisa da  
sua cama, arquejava sobre um montão de estrume,  
com as entranhas abertas, enquanto uma criança ainda  
de mama, esquecida na carnificina, apertava, soltando  
gemidos lamentosos, o corpo ensanguentado de sua  
mãe.  
Joana ficou petrificada de horror, diante dessas vi-  
timas do incêndio, da violação e do massacre. Esse

homem, depurado pelos pés, com a cabeça em cima  
de um brazeiro, sem dúvida se recusara a revelar o  
esconderijo do seu dinheiro; esse velho e esse rapaz,  
um pai, o outro irmão dessa rapariga, mortos quer-  
endo a defender do último ultraje, tinham visto sua filha  
e irmã, violada, e atirada moribunda sobre o estêrco,  
onde seu filho soltava gemidos de dor.  
Tal era a guerra feroz dos ingleses contra a Gália  
havia mais de meio século, desde a derrota da cobarde  
cavalaria na batalha de Poitiers! Joana não pôde su-  
portar o espantoso espectáculo que se ofereceu a seus  
olhos; e, tomada de vertigem, tremeu e caiu. Pedro,  
seu irmão mais velho, que caminhava a poucos passos  
recebeu-a desfalecida em seus braços, e, ajudado de  
seu pai, colocou-a no carro ao lado de Isabel.  
A castelã do castelo da ilha, mulher muito carita-  
tiva, e seu marido, valente soldado, permitiram aos fu-  
gitivos de Domrémy acamparem com seus gados nos  
prados, dependências vastas dessa habitação fortificada  
e quasi inatacável, entre os dois braços de Moso; des-  
graçadamente, os habitantes da aldeia de São Pedro,  
surpreendidos durante o sono, não haviam podido ga-  
nhar esse hospitaleiro abrigo.  
Os ingleses, depois da devastação do vale, concen-  
traram as suas forças diante de Vaucouleurs, e come-  
çaram o cerco com actividade. Alguns dos campon-  
ses, refugiados no castelo da ilha, e entre eles Pedro,  
ou dos irmãos de Joana, foram durante a noite à des-  
coberta: no dia seguinte ao da fuga, trouxeram a noti-  
cia da partida do inimigo, que, cansado sem dúvida do  
incêndio e da carnificina, se havia distanciado de Dom-  
rémy, sem lhe deitar fogo, depois de terem roubado as  
casas e morto alguns habitantes. A família Darc e to-  
dos os mais fugitivos, voltaram à aldeia e trataram de  
reparar os seus desastres.  
Joana, durante a sua habitação no castelo da ilha,  
tinha sido constantemente presa dum acesso de febre,  
e, durante o delírio, invocava Santa Catarina e Santa  
Margarida, as suas boas santas, julgando vê-las junto

de si, e pedindo-lhes com as mãos postas que pozes-  
sem termo à ferocidade dos ingleses; outras vezes a  
sena medonha da aldeia de São Pedro se traçava no  
seu cérebro perturbado, e lançava gritos de espanto,  
ou soluçava a vista das vítimas, que lhe apareciam li-  
vidas e sanguinolentas; outras vezes ainda com o olhar  
sintilante, falava com exaltação de uma virgem guer-  
reira, revestida de branca armadura, montada em  
branco corcel, e que ela via exterminar os ingleses.  
Depois Joana repetia com voz palpitante esta canção  
de Merlin:  
«A Gália, perdida por uma mulher, será salva  
por uma virgem das fronteiras da Lorena, e saída de  
um velho bosque.»  
Isabel velando dia e noite em volta de sua filha,  
atribuia a alucinação de espirito da pobre criança a  
violência da febre e à terrível lembrança da mortan-  
dade dos habitantes de São Pedro.  
Grande abatimento e extrema fraqueza sucedera à  
doença de Joana. Experimentou de mais um vivo pes-  
sar; sua madrinha fora uma das vítimas dos ingleses.  
Joana chorou Sybilla, tanto por terna afeição, como  
pelo pesar de se ver para sempre separada daquela  
que lhe contava tão maravilhosas lendas, para sem-  
pre gravadas na sua memória.  
Passaram-se dois meses. Joana estava quasi nos  
catorze anos, parecia ter de novo saúde, contudo sen-  
tia frequentes dores de cabeça, dores intoleráveis, se-  
guidas de vertigens e de deslumbamentos, não obstan-  
te ocupava-se como antes nos trabalhos da casa e  
do campo, redobrava de actividade, procurando ocul-  
tar a todos os olhos as suas tristezas involuntárias, as  
suas ansiedades e distrações, que não eram sem mo-  
tivo... mas sim causadas pelos desastres da Gália.  
Estes pensamentos absorviam sobre tudo Joana,  
quando sósinha nos bosques ou nos campos, fazia pas-  
tar o seu rebanho; entregava-se então sem constrangi-  
mento às meditações, às lembranças das lendas com  
que a haviam embalado.

Um dia Joana guardava o seu rebanho, fiando na  
sua roca, debaixo do velho carvalho da fonte das fa-  
das. Passou-se nesse dia um facto singular que teve  
grande influência no destino da pastorinha. Os ingle-  
ses não haviam tornado a aparecer nos arredores de  
Domrémy; reforçados com muitos bandos de Borgui-  
nhões, enviados pelo marechal João de Luxembourg,  
continuavam o cerco de Vaucouleurs; e esta praça de-  
fendia-se heroicamente.  
A invasão dos ingleses no vale, que antigamente  
fora tão pacífico, fez nascer uma divisão entre os ha-  
bitantes. Muitos, notoriamente os de São Pedro, e os de  
Maxey, cruelmente alcançados pelas últimas devasta-  
ções, estremeciam, pensando que esses desastres se  
podiam renovar, queriam sair da neutralidade, e entre-  
garem-se aos ingleses, julgando assim salvar seus bens  
e suas pessoas; esses formavam no vale o partido  
inglês ou bourguinhão; outros, ao contrário ainda mais  
irritados, mais indignados do que espantados, queriam  
resistir aos ingleses, estes últimos compunham o parti-  
do armagnac ou realista.  
Com os habitantes de Domrémy, que geralmente  
pertenciam ao partido realista, e os de São Pedro e de  
Maxey, que eram do partido inglês, sucedia que os  
rapazes destas diversas localidades partilhavam a opi-  
nião de suas famílias, e muitas vezes os rapazes de  
Maxey, guardando os gados, aproximavam-se até aos  
limites de Domrémy, e injuriavam os pastorinhos desta  
aldeia; a disputa muitas vezes aumentava e convencia-  
vam terminá-la pelas armas, quer dizer aos socos,  
acompanhados de pedradas.  
Um dia pois, Joana guardando as ovelhas, fiava na  
roca sob as grandes árvores do velho bosque, e, pen-  
sativa, repetia a meia voz esta passagem da profecia  
de Merlin:  
«Para quem é esta coroa real? este cavalo? esta  
armadura?»  
«Quanto sangue! Rebenta e corre em torrentes  
quanto sangue eu vejo! quanto sangue eu vejo!





## Uma carta da Rússia que revela até onde vai a fúria ditatorial do Partido Comunista e como é fictício o movimento operário na República Soviética

A Rússia foi sempre o país dos milagres. Mas parece que o maior dos milagres é o regime soviético. Teoricamente a ditadura do proletariado (na teoria dos seus partidários, não dos seus adversários) é o único meio dos trabalhadores se tornarem felizes. Mas na prática? Oh! a prática mostra que então os «maus diabos dos anarquistas» tinham razão. O que se chama socialismo, ditadura do proletariado, é simplesmente o caos, uma tirania opressora, não a da burguesia, mas dos proletários. O Estado russo actual seria ridículo se não fosse doloroso para a massa trabalhadora. Julgai-o vós mesmos...

### A crise de trabalho

«Os soviéticos estão prósperos, as suas forças aumentam e as condições de vida da classe operária melhoram! Tais são os optimistas comunicados oficiais. Mas, ao mesmo tempo, temos os seguintes «pequenos factos». O «chômage» cresce sem cessar, segundo a própria estatística oficial; há cem mil desempregados em Moscova, mais de 39.000 em Karkovia (capital da Ucrânia). O número dos sem-trabalho aumentou nesta última cidade durante o mês de março de 1925, de 13,4 % (Pravda, n.º 92 de 24-4-25).

Ideias avaliar pelos seguintes esclarecimentos o valor dos números oficiais. Em Agosto de 1924, o número dos sem-trabalho inscritos atingiu 1.222.000, (conforme a estatística oficial). Era necessário diminuir esta terrível cifra. Que se fez? Expulsou-se simplesmente mais de 500.000 (em russo: *deputação*) e assim foi resolvido o problema. Rápido e acertado, não é? Pretende-se que os «preguiçosos» foram expulsos, e que se tinham conservado os «homens puros». A-pesar-disso, estes «canalhas» (sic) dos sem trabalho não querem trabalhar, notando-se, ao contrário, uma tendência para aumentar o seu número, e aumentam, efectivamente, sem cessar, ainda que qualificados de «puros».

No Ocidente, gritais contra os *lock-outs* e os jornais comunistas apóiam a vossa luta. Mas que estranha coisa, oh! terra dos milagres! Na província do Don (principal região das minas de carvão) licença-se duma só vez 23.000 mineiros, e ninguém —nem mesmo com uma palavra— se levantou contra esta medida.

Declarou-se simplesmente que os mineiros eram em grande parte aldeões vindos de longe, que, por esta razão, não estavam ligados à produção continua, que não eram proletários puros, e que se alguns destes proletários puros se encontrassem entre eles, achariam certamente trabalho em seguida. Eu, incrédulo, não posso de forma alguma compreender a diferença, que existe entre um *lock-out* e um despedimento. Mas deixemos aos outros o cuidado de filosofar. Continuemos.

### A emigração dos camponeses

E' possível, dir-se-há, que nas aldeias a situação seja melhor. Se nas cidades, se chama falsamente socialismo de transição ao caos económico, talvez que a imagem mais bela esteja nas aldeias. Ai de nós! E' a mesma questão. Não farei dos impostos que esmagam os cultivadores, nem do abominável regime político, que eles sofrem. (Isto necessita ser tratado especialmente, porque neste domínio, o «socialismo» assemelha-se algumas vezes simplesmente à Idade Média). Comunicar-vos hei simplesmente um facto interessante, duma significação incontestável: O estado económico das aldeias russas torna-se absolutamente mau (dois milhões de trabalhadores estão desocupados) e o fenómeno do costume do regime começou: o deslocamento caótico para a Sibéria, e outros lugares, que os camaradas consideram como o seu Eden. Eis alguns números: durante 1923, 120.000 camponeses fizeram o «Narkomgen» (comissariado do povo da Agricultura) as suas declarações para a emigração.

Em 1924, o número destas declarações passou de 150.000, e atingiu por os três primeiros meses deste ano 158.000 (30.000 + 47.000 + 81.000). Mas a maior parte dos camponeses abandonam as terras, que não os alimentam, sem fazer declarações.

Os emigrantes arruinam-se, depois espalham-se as epidemias, etc... Algumas regiões siberianas, estão sem força contra uma tal torrente humana, e clama-se de debilidade de afim de se deter a torrente de lava. Mas o governo central nada pode fazer. O crédito aprovado para este exodo (440.000 rublos) não servem sequer para auxiliar aqueles que, segundo o plano de Narkomgen, deviam ser os únicos emigrantes (118.500). A cultura da terra a-pesar-destas medidas não origina.

### Lutas entre comunistas e aldeões

Nas regiões mais férteis (por exemplo na Ucrânia) a superfície semeada é mais pequena que a do ano passado. Justamente por causa disso, por causa desta espécie de estado desgraçado das aldeias, acaba-se de proclamar: *Atenção com a aldeia!*

Mas a razão básica deste grido, é o medo de perder uma importante categoria de contribuintes. Além disso, é necessário confessar que nas aldeias há uma batalha confusa entre as autoridades aldeãs e os comunistas. Ninguém pode indicar a significação exacta desta batalha.

Segundo a minha opinião não se trata duma acção revolucionária. E' mais um acto desesperado de que aproveitam os elementos ricos da aldeia, do que uma verdadeira acção de rebelião popular. Depositam esperanças neste descontentamento, e constroem sobre ele planos revolucionários seria cair em utopias.

Não é do Oriente que vem a luz, mas do Ocidente, ainda que o queiram os nossos patriotas revolucionários.

### A actividade sindical é uma ficção

A questão social não será solucionada senão pela classe operária auxiliada pelos camponeses. Em que estado se encontra vós a classe

operária russa? O número dos nossos sindicalistas não dá a verdadeira importância do valor revolucionário do povo russo. O movimento profissional revolucionário nunca existiu na Rússia, os cinco milhões e meio de trabalhadores organizados não têm ainda nenhum valor revolucionário. E' possível que dentro de algum tempo a classe operária russa encontre de novo a sua colectividade, mas por enquanto está totalmente desprovida disso. Toda a actividade dos sindicatos russos (adesão a diversas comissões, sociedades, etc.), tem, como se diz em biologia, o carácter de adaptação. Adere-se simplesmente para se mostrar a sua fidelidade ao partido reinante, sendo, além disso muito perigosos mostrar infidelidade. O presidente do C. K. dos caminhos de ferro teve de confessar sinceramente que a maior parte das comissões, sociedades, etc., eram puras ficções. (Trabalho n.º 78).

Ficarem admirados, e não o querereis acreditar, mas pode-se constatar lendo o órgão central do partido comunista, a *Pravda* n.º 50. Na Rússia, a actividade das classes operárias é de tal forma sufocante e opressiva que afasta da sua direcção os principiantes e até os próprios militantes. Nalgumas organizações encontram-se homens activos deste modo: nomeiam-se simplesmente membros activos, homens considerados e chamados activos, porque eles são dignitários, semi-dignitários, altos-dignitários ou qualquer coisa parecida.

Estranha maneira de compreender a actividade. Basta agora eleger um *homem activo*, para que a sua passividade se transforme em actividade. Não é isto um milagre? Se nas organizações do partido, semelhantes factos se passam, o que deve suceder nas Unões profissionais? Roubos, despesas sem fiscalização de somas importantes, etc., sem fenómenos correntes no nosso país abençoados. As organizações centrais do partido e dos sindicatos tiveram mesmo de examinar a fundo o problema dos «desvios» dos sindicatos e o da embriaguez. A cupidés, a ganância e a embriaguez dos nossos dirigentes não são factos isolados, que não mereçam que se fale neles, pois estes vícios tornaram o carácter duma epidemia. (Ver a *Pravda* e *Frud*).

(Continua.)

## Pela organização sindical de Coimbra

### Urge de novo levantá-la

COIMBRA, 10.—A organização operária de Coimbra, está, infelizmente, atravessando uma nova fase de decadência. Dizemos *nova fase*, e com razão, pois quando foi, há um ano, da criação do Comité de Propaganda Confederal, parecia que uma época de rejuvenescimento vinha despertar a classe operária da apatia em que estava imersa. Depois de alguns trabalhos do Comité —que, diga-se de passagem, não satisfaz os fins para que foi criado— tendentes ao levantamento moral do meio operário, verificamos, após um ano, que tudo voltou à mesma, se não a pior ainda.

E' necessário, urgente mesmo, que alguns elementos saias que ainda existem no elemento operário coimbrês, encarem a situação como ela merece e congreguem todos os seus esforços para não deixar subverter desastrosamente o pouco que ainda está de pé. E' essa esperança que nos leva a escrever estas linhas, crentes de que não será em vão que lancamos este apelo.

Noutro número trataremos mais desenvolvidamente deste importante assunto.

### Os efeitos do manifesto contra as touradas

O manifesto que os grupos anarquistas *Os Rebeldes* e *Labareda*, publicaram contra as touradas, teve o condão de irritar os nervos histéricos dos meninos da *Voz de Coimbra*, que não tendo argumentos lógicos para combater a doutrina do manifesto, lançaram do estafado chavão das bombas e mais coisas horripilantes e declarando, como o seu costume ar dogmático, como quem faz uma grande descoberta, que os marotos dos anarquistas, a-pesar-de chorarem as torturas que fazem aos pobres touros, não têm pejo de lhes comer a carne em apetitosos bifes...

Isto de certeza é com os da *Voz*, porque, no geral, os anarquistas, a respeito de bifes, vêm-nos mas... por um óculo!

...o que não impedi, contudo, que o manifesto fosse apreciadíssimo por gente culta de todas as classes sociais, mas que têm o mau gosto de não concordarem com o barbarismo das touradas; e que as Sociedades Protectoras dos Animais de Coimbra e Porto—gente tola, de certeza—enviassem ofícios de agradecimento aos grupos editores, incitando-os a não esmorecerem na sua moralizadora campanha.

### A exploração dos operários da Penitenciaría

As cartas que a *A Batalha* tem vindo publicando sobre o regime inquisitorial a que estão sujeitos os presos da Penitenciaría de Coimbra, têm sido apreciadíssimas nesta cidade, tanto mais que nelas se relatam factos que são do domínio público, sendo opinião geral de que ainda há muito que dizer. No respeitante à exploração infame de que os presos são vítimas por parte dos arrematantes das oficinas, sabemos de fonte segura de que na oficina de mobiliário, a exploração deixa a perder de vista todas as outras.

Aguardamos uns informes importantes, que servirão de complemento à humanitária campanha em prol dessas desgraçadas vítimas do meio social.—E

### LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 15 desta revista intitulada «*Náufragos*», de *Adrián del Valle*. Preço, \$50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

## VI Congresso dos Trabalhadores Rurais

### Regulamento do Congresso

Artigo 1.º Constituem o Congresso:

a) Associações de classe dos Trabalhadores Rurais;

b) A Federação Corporativa;

c) A Confederação Geral do Trabalho.

Art. 2.º Cada uma das supracitadas organizações pode fazer-se representar por um ou três delegados directos; os delegados devem ser rurais assalariados no pleno exercício da sua profissão e no gozo dos seus deveres sindicais.

Art. 3.º Não serão aceites delegados que exerçam funções políticas de qualquer espécie e bem assim cargos de confiança do governo, embora não políticos.

Art. 4.º Das organizações representadas ao Congresso apenas as Associações têm voto deliberativo, tendo voto consultivo todas as outras.

§ Único. Cada Associação tem apenas um voto.

Art. 5.º A Federação compete a abertura do Congresso;

Art. 6.º A presidência e secretariado das sessões não serão efectivos, tendo cada sessão um presidente e dois secretários nomeados pelo Congresso.

Art. 7.º O Congresso nomeará uma comissão revisora de mandatos constituída por cinco membros, que verificará a identidade dos delegados e apresentará o seu parecer na primeira sessão, antes de se entrar na ordem dos trabalhos.

Art. 8.º A ordem dos trabalhos será anunciada no final de cada sessão pelo presidente.

§ 1.º A ordem dos trabalhos será escrupulosamente respeitada, para evitar desperdícios de tempo ou protelação do assunto.

§ 2.º Aberta a sessão entrar-se-á imediatamente na ordem dos trabalhos.

§ 3.º Qualquer assunto estranho à ordem dos trabalhos pode ser tratado no final da sessão.

Art. 9.º O Congresso, na sua última sessão, nomeará, por escrutínio secreto ou por aclamação, a Comissão Administrativa da Federação, à qual incumbem cumprir o que dispõe o respectivo estatuto e efectuar as resoluções tomadas neste Congresso.

### ORDEM DOS TRABALHOS

#### 1.ª Sessão

Dia 20 às 13 horas: abertura do Congresso, nomeação revisora de mandatos e apreciação do respectivo parecer, leitura do relatório da Comissão Administrativa da Federação e nomeação da comissão de pareceres.

#### 2.ª Sessão

Dia 20 às 21 horas: apreciação das teses «Remoção dos Estatutos da Federação» e «As mulheres e os menores na indústria».

#### 3.ª Sessão

Dia 21, às 9 horas: apreciação da tese «A socialização da propriedade agrária e a organização do trabalho».

#### 4.ª Sessão

Dia 21, às 14 horas: apreciação da tese «A orientação sindicalista dos sindicatos de trabalhadores rurais e da sua Federação».

#### 5.ª Sessão

Dia 22, às 9 horas: apreciação da tese «Os foros, as searas de contrata e os ganadinhos», apreciação do parecer sobre propostas, nomeação da futura Comissão Administrativa da Federação e encerramento do Congresso.

### INTERESSES DE CLASSE

#### Pela classe litográfica

E' necessário que os delegados de oficina cumpram a sua missão

Dão-se por vezes factos de tal gravidade dentro das várias oficinas litográficas, que vem plenamente confirmar aquilo que temos dito em algumas considerações aqui feitas.

Todos os indivíduos quando a publico vêm esses casos ficam como que admirados de tal constatar, porque dizem que lhes parece impossível certos indivíduos que outrora eram paladinos das reivindicações sociais cometem esses actos condenáveis.

Quanto a mim o problema da mulher e dos menores na indústria litográfica, deve ser encarado com atenção e carinho que require, e todos os camaradas que até hoje nada têm feito para o aperfeiçoamento quer moral quer profissional do aprendiz devem dedicar uma atenção especial a estes casos.

Francamente, temos por vezes assistido a factos tão extraordinários, passados nas oficinas que devem ser condenados por todos os operários que são conscientes, que é para merecerem toda a repulsa da classe litográfica. De tudo isto o que mais nos causa indignação é serem estes actos praticados por indivíduos que têm atrás de si afirmações, que estão em contradição com os seus processos, de verdadeiros exploradores e despojos do pessoal que dirigem; dando-se muitas das vezes o caso de armarem em verdadeiros carrascos do mesmo. Ora para bem da classe a que pertencemos é bom que nos oponhamos a que com tanta frequência se dêem tais casos.

Muitos camaradas ou talvez a maioria dos militantes que têm cargos no sindicato, não se preocupam com eles, preferindo antes deixá-los arrastar por as mesuras dos patrões, encarregados, gerentes, do que pôr-se abertamente ao lado dos seus companheiros do trabalho. E francamente, quando os delegados de oficinas deviam, dentro das mesmas fazer a máxima propaganda e mesmo agitação, levando assim o pessoal a impor-se aqueles que os querem humilhar, nada disto fazem, levando-me muitas das vezes a acreditar que se não interessam pela situação dos seus camaradas e por consequência falham a sua missão; ou então preferem pôr-se de cócoras perante os senhores encarregados, gerentes, a impor-se com altivez, demonstrando assim a sua dignidade como trabalhadores conscientes.

Jaime TIAGO

### A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2500, pelo correio 2550. Devidos à administração de *A BATALHA*

## A juventude organiza-se

Constituiu-se no Porto, no meio do maior entusiasmo, o Núcleo da Juventude Sindicalista dos Manipuladores de Pão

No passado domingo, efectuou-se, à rua de Entreparedes, 33, 1.ª, a sessão inaugural da secção juvenil dos operários manipuladores do pão do Porto.

Presidiu a esta festa, que foi deveras interessante, não só pela concorrência relativamente numerosa, mas ainda pelas afirmações revolucionárias nelas produzidas, o camarada Marcelino Pedro, representante da U. S. O. Secretariaram os delegados das Juventudes Sindicalistas do Porto e Gaia, respectivamente os camaradas Santos Júnior e Pedro Lourenço.

Marcelino Pedro, em nome da central local saudou efusivamente, não só os núcleos juvenis, mas todas as classes ali presentes.

A largos traços, descreveu o papel dos jovens e, portanto, qual a missão que lhes está adstrita para a integral defesa das ideias de emancipação humana. História algumas fases mais agudas do movimento proletariano, mormente de há 15 anos a esta parte, e salienta a atitude sempre viril, sempre bela da mocidade sindicalista que, mesmo nos transes mais difíceis, demarcou sempre a sua posição de indefectível revolucionarismo. Termina por apelar para que os jovens ali presentes continuem a seguir o caminho traçado sob os auspícios do puro sindicalismo libertário.

São lidas credenciais do N. J. S. de Gaia, U. S. O. e Escola e Biblioteca de Estudos Sociais de Giestra.

Além destes organismos, estavam representados estoutros: U. S. U. do Porto, Jardineiros Gráficos, Confeiteiros e Artes Correlativas, Escola e Biblioteca de Estudos Sociais «Filhos do Visco», Centro Comunista Libertário e Federação das Juventudes Sindicalistas.

Mendes Costa saudou em nome do Grupo Estudos Sociais dos Manipuladores de Pão, a nova secção juvenil, fazendo sinceros votos para que ela se desenvolva e consiga desempenhar cabalmente a sua missão.

António J. Martins, do N. J. S. do Porto, disserta largamente sobre o papel revolucionário das juventudes sindicalistas e sobre a violência e o militarismo, terminando por saudar, em nome da restante mocidade sindicalista do Porto, os jovens manipuladores de pão.

José S. Martins, da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais, refere-se também ao valor educativo das juventudes sindicalistas.

Adolfo de Freitas, de Coimbra, Adelino Vilaça e Manuel José de Magalhães, na qualidade de militante da classe dos Manipuladores de Pão—saúdam, em breves, mas empolgantes palavras, o novo organismo juvenil.

António Teixeira, da Liga das Artes Gráficas, historiza minuciosamente a acção que o propagandista Bartolomeu Constantino desenvolveu, antes da criação das juventudes sindicalistas, em benefício das ideias revolucionárias e libertárias e, consequentemente, em prol da emancipação dos povos escravizados. Não deixou, porém, de pôr em relevo a actividade revolucionária que as juventudes sindicalistas têm imprimido ao movimento proletariano português.

Gaspar da Cunha, da secção juvenil dos manipuladores de pão, critica acerbamente aqueles operários jovens que não compreenderam a sessão inaugurativa da célula juvenil em referência.

Aos vivos à F. J. S., C. G. T., A. I. T., imprensa revolucionária, etc., são aprovadas as duas moções seguintes: uma contra as novas guerras e outra contra as deportações:

«Considerando que os governantes de todos os países se estão preparando para uma nova guerra, porventura muito mais formidável do que a guerra de 1914;

Considerando que a guerra é sempre uma luta fratricida estabelecida pela bur-

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

### Uma reunião dos corticeiros de Silves Perseguições dos industriais

SILVES, 10.—Reuniram-se hoje, pelas 12 horas, em assembleia geral, os corticeiros desta localidade.

Havendo operários a trabalhar em várias fábricas, que procurados largarem imediatamente o trabalho, dando-se então início à sessão.

Apreciou-se a crise de trabalho resolvendo-se oficial à Federação para tratar este grave assunto o mais breve possível, poupando sofrimento aos operários da indústria.

A assembleia, tendo conhecimento de que enquanto estava reunida, ainda tinham ficando a trabalhar José Guerreiro Costa, Jaime Saturnino, José Nosenhor, Manuel Viegas e António Lanzudo, protestou contra tal procedimento, pois só se lembram do resto da classe quando se trata de reclamar aumento de salário.

Foi bastante apreciada a atitude das mulheres, que todas abandonaram o trabalho para ir à assembleia.

Sucedeu aqui que os operários mais activos nas lides sindicais estão sendo boicottados pelos industriais que lhes negam sistematicamente o trabalho, condenando-os à miséria.

Devido a isso muitos se têm retraído, resultando daí uma certa apatia que se pode tornar muito prejudicial para a classe.

Urge que todos enfrentem a perseguição que se pretende fazer porque os industriais não podendo passar sem mão de obra, será a forma de a inutilizar.—C.

### Corticeiros de Aldegaleta

ALDEGALETA, 10.—Reuniu-se a classe corticeira para apreciar as pretensões dos industriais comunicadas à Federação.

Aprovou-se uma moção mantendo as resoluções anteriores, não aceitando a baixa de salários e dando à Federação o apoio de que necessite.—E.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

**Federação Metalúrgica.**—Em reunião do Conselho Federal, em que estiveram presentes os sindicatos de Lisboa, Coimbra, Portimão, Vieira de Leiria, Abrantes, Faro, Évora e Covilhã, foi resolvido nomear três delegados ao Congresso Confederal, sendo um do Comité Metalúrgico do Norte. Como constasse da ordem de trabalhos um documento apresentado pelo delegado do sindicato de Évora, sobre ele pronunciaram-se vários delegados insurgindo-se contra a matéria no mesmo contida, convidando José dos Santos, seu autor, a justificá-lo ao que este se recusou, contra o que foram levantados muitos protestos, ficando a sessão suspensa.

**Compositores tipográficos.**—Proseguiu ontem a discussão na generalidade da tese «Sindicato de Indústria Gráfica» que vai ser apreciada pelo Congresso Confederal, usando da palavra Lister Franco, Ernesto de Carvalho, Américo Diamantino, Joaquim Castelo e Xavier da Cunha, que devido ao adiantado da hora ficou com a palavra reservada para domingo 13, pelas 15 horas, para continuação dos trabalhos em discussão.

**Sindicato Unico Metalúrgico.**—Secção de Belém.—Reuniu a comissão administrativa que deu despacho aos assuntos em andamento e aprovou várias propostas para sócios.

### CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

**S. U. da Construção Civil.**—Secção do Alto do Pina.—As comissões revisora de contas e administrativa, em conjunto, pelas 21 horas.

Pelas 20 horas a Comissão pró-Melhoramentos da Sede.

**Comissão Mista de Propaganda e Organização do Alto do Pina.**—A's 21 horas.

**Manufactores de Calçado.**—Pelas 21 horas, a assembleia geral, para continuação de trabalhos pendentes.

**Federação do Livro e do Jornal.**—Os delegados das direcções às 19 horas, a fim de receberem O Gráfico.

**Maquinistas fluviais.**—Pelas 20 horas, a fim de tratar de assuntos referentes à organização marítima e interesses da classe.

**Ferrovários do Sul e Sueste.**—Delegação de Lisboa.—A's 21 horas, a assembleia geral, para eleger a comissão administrativa da Delegação, eleição de delegados ao Congresso Confederal, tomar conhecimento dos trabalhos da comissão de melhoramentos e assuntos diversos.

DIAS PRÓXIMOS

**Federação Corticeira Nacional.**—Reúne amanhã, pelas 13 horas, o Conselho Federal, com a presença de todos os delegados directos e indirectos, a fim de resolver assuntos graves e urgentes.

**Compositores tipográficos.**—Amanhã pelas 15 horas para prosseguimento da discussão das teses ao congresso federal da indústria.

### JUVENTDES SINDICALISTAS

**Núcleo de Lisboa.**—Aulas de educação mútua.—Iniciam-se na próxima semana, abrindo a da secção de Santos, na segunda-feira, 14.

Espera-se que todos os inscritos compareçam.

**Núcleo de Lisboa.**—Voz Sindical.—Os encarregados da venda avulso da *Voz Sindical* devem vir hoje buscar este semanário à sede do Núcleo, das 20 às 22 horas.

**Secção de Belém.**—Deve comparecer hoje na sede, às 21 horas, o tesoureiro da comissão transacta.

Previnem-se todos os filiados que os cobradores irão no domingo fazer a cobrança, pedindo-se para satisfazer as suas cotas em atraso.

### SINDICATOS DA PROVINCIA

**Federação dos Trabalhadores Rurais.**—Reuniu-se em 8 do corrente para apreciar o regulamento e ordem dos trabalhos do Congresso. Registou a adesão ao Congresso dos sindicatos de Coruche e Elvas.

**Mineiros de São Domingos.**—Reuniu-se no passado domingo a assembleia geral sancionando os pareceres da direcção e comissões diversas sobre os assuntos seguintes, ventilados numa anterior reunião: Congresso Confederal; instalação de uma sapataria e outras oficinas, por conta do Sindicato. Para melhor estudar esta última questão foi nomeada uma comissão de cinco membros, sendo 2 pelo departamento de Contra-Mina, 1 pelo departamento de Achada, 1 pela secção de Corte e 1 pelo departamento de Engenharia.

**União dos Sindicatos Operários do Porto.**—Com a presença de 12 organismos, realizou-se a sessão do Conselho Federal deste organismo. Aprobadas as actas n.º 59 e 60, lêem-se os seguintes ofícios:

Da União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, nável organismo fundado numa reunião de direcções e militantes das classes marítimas e fluviais do Porto, Gaia e Leixões, em consequência da Federação Marítima ter cortado relações com a C. G. T., saudando a U. S. O. e, simultaneamente dando explicações sobre a aquisição do expediente; da Associação de Classe dos Operários Chapeleiros dando parte, entre outros assuntos de carácter administrativo, que quer continuar a ser aderente à U. S. O.

O secretário adjunto justifica a falta do secretário geral, que é por motivo de doença. Referindo-se às deportações, elucida sobre os trabalhos efectuados pela comissão pró-movimento a favor das vítimas do governo Vitorino Guimarães.

Informa também que, em substituição do secretário geral, se acha agregado à dita comissão, a qual emite a opinião de que seja novamente convocada uma assembleia de direcções, a fim de se tomar resoluções definitivas sobre o caso.

Na mesma ordem de ideias, pronunciaram-se Sául de Sousa, Santos Júnior, João Alves, Francisco Canaveira e Vaz Osório, perflhando o alvitre da citada comissão, sendo também aprovada uma proposta no mesmo sentido da autoria dos delegados Filinto Elísio de Almeida e S. de Sousa.

A sessão é encerrada pelas 23 horas.

**ASSINEM. Os mistérios do Povo**

## Congresso Confederal

A Comissão Organizadora do Congresso Confederal tem continuado a registar adesões de mais os seguintes sindicatos:

Sindicato dos Mineiros de São Domingos, Litógrafos do Porto, Associação dos Trabalhadores Rurais de Montoito, Liga das Artes da Viação Portuense, Associação dos Trabalhadores Rurais de Via Glória, Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeção, Sindicato Unico da Construção Civil de Viana de Castelo, Associação de Classe da Construção Civil de Oeiras, Associação do Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques, Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Fronteira, Associação dos Trabalhadores Rurais de Elvas, Associação dos Corticeiros de Castelo Branco, Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Associação de Classe dos Chapeiros Marítimos, Associação dos Corticeiros de Portimão, Liga das Artes Gráficas de Santarém, Associação de Classe dos Trabalhadores dos Armazéns de Vinhos do Porto e Gaia, Associação de Classe dos Impressores Tipográficos, Associação de Classe dos Operários da Indústria Mobiliária de Faro, Associação de Classe dos Operários Maquinistas Fluviais, Associação de Classe dos Marítimos da Foz do Douro, Sindicato do Pessoal de Câmaras da Navegação de Longo Curso, Sindicato da Construção Civil de Fafe, Sindicato Unico da Construção Civil de Matosinhos.

Pede a Comissão a todos os sindicatos para enviarem as suas adesões até ao dia indicado.

Para ultimar os trabalhos referentes ao Congresso, a Comissão reúne na próxima segunda-feira.